

## ***Os Brutos e o Sacristão: a angústia de um emasculado***

Prof. Dr. Hélio Dias Furtado<sup>i</sup>  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

### ***Resumo:***

*A literatura de 30, produzida no Nordeste, mostra os valores de gênero que eram impostos às pessoas naquela época que viviam principalmente nas pequenas comunidades interioranas dessa região. Nos romances do autor potiguar José Bezerra Gomes, vemos como o adequar-se a esses valores pode ser o principal objetivo de muitos de seus personagens masculinos, mas também pode tornar-se um motivo de angústia para aqueles que não conseguem se adaptar a eles. Essa é a realidade vivida pelo personagem sacristão João do romance *Os Brutos* (1938). Através dos conceitos psicanalíticos apresentados por Eugene Monick em *Falo - a sagrada imagem do masculino* (1993), podemos entender a natureza do conflito de fundo religioso e sexual vivido por esse personagem e como, diante de uma realidade tão adversa, conservadora e imutável, seu destino será, como consequência de sua religiosidade paroquial, carregar seu estigma de desajustado até o fim da vida.*

***Palavras-chaves:*** virilidade, religiosidade, sexualidade, cabra-macho, falo.

A estória do sacristão João aparece no capítulo 6, de *Os Brutos*, de José Bezerra Gomes. Em um primeiro momento, temos a impressão de que esse pequeno trecho está solto dentro da estrutura narrativa do romance, pois o sacristão não tem nenhuma interação com qualquer outro personagem do romance nem sua pequena aventura (que não dura mais do que um capítulo de quatro páginas) reflete em qualquer outro evento no romance. No entanto, ao empreendermos uma abordagem de gênero ao romance de José Bezerra Gomes, vemos que a estória do sacristão João funciona como um exemplo da força da cobrança da sociedade quanto ao papel a ser desempenhado pelos homens que moraram naquela comunidade, nominalmente, a Currais Novos dos anos 1930.

Nesse sentido, o sacristão João vive um grande dilema cuja natureza consiste em conciliar duas coisas que são, pelo menos em sua visão, aparentemente irreconciliáveis: religião e sexualidade. Para entender mais profundamente a natureza desse seu dilema, vamos aqui recorrer a alguns conceitos da psicanálise, mais especificamente aqueles apresentados pelo psicoterapeuta Eugene Monick cujo livro, *Falo - a sagrada imagem do masculino* (1993), já traz em seu título a perspectiva que ele adota, ou seja, a virilidade como um elemento religioso na vida do homem.

No que se refere ao aspecto religioso na vida do nosso personagem, podemos dizer que a sua religiosidade caracteriza-se por ser do tipo que normalmente se chama de “carola”. Com isso, queremos dizer aquela religiosidade que se expressa pela ida constante à igreja, pela participação nos sacramentos, pelo envolvimento em eventos religiosos tais como procissões, festas de padroeiro, retiros espirituais, etc. Quanto ao aspecto sexual da vida do sacristão, esse é inexistente. Como componente do tipo de religiosidade que ele pratica, o sacristão sempre negou sua sexualidade em favor de sua castidade.

É precisamente neste aspecto da sua religiosidade, ou seja, na falta de uma sexualidade ativa, que se manifesta o aspecto social do dilema vivido pelo sacristão João em sua curta aparição em *Os Brutos*. Seu João foi sempre o protótipo do bom rapaz. Nas palavras do narrador: “[João] crescera ajudando missa e não saía da casa do padre e da igreja pra parte alguma. Não tinha amigos e não andava fora de hora na rua. Era um rapaz sem vício. O único vício que tinha era ajudar missa” (Gomes, 1988, p. 23).

Assim, o único sentido da vida de João e talvez sua única alegria era a religião. Diz o narrador:

Nos domingos vinha todo de branco, a roupa lustrosa de engomada, da casa do padre e entrava na igreja. Só vendo a sua satisfação na hora da elevação. Ficava todo orgulhoso e radiante, vendo que as moças e as mulheres e até os homens reparavam que era ele quem estava ajudando o padre na missa. E se sentia feliz, considerado, cheio da graça de Deus e do respeito do povo. (Gomes, 1988, p.24)

No entanto, esse respeito não é completo porque os rapazes da cidade falam dele. Dizem que ele nunca tinha “feito” e lhe chamam de “Zé Munheca”. Embora o narrador não deixe explícito, fica óbvio que o nunca ter “feito” refere-se a possível virgindade do sacristão João que, aparentemente, nunca tinha tido nenhuma relação sexual com mulher. Quanto ao apelido “Ze Munheca”, podemos supor duas interpretações. Primeiramente, ela remete-nos ao conhecido termo “desmunhecado”, usado em outras épocas mais recentes para se referir a homens efeminados. Uma segunda possibilidade refere-se à prática do onanismo.

Esses comentários sobre João revelam que a visão de homem que predominava naquela comunidade era extremamente conservadora e machista. Nesse sentido, vale salientar que um homem se define como tal a partir da maneira como ele se relaciona com as mulheres, havendo aí uma necessidade do ato sexual. Se alguém do sexo masculino nunca teve relações sexuais com uma mulher, então, não poderia ser considerado um homem ou, na linguagem popular, um cabra macho de verdade. No caso do sacristão João, ninguém sabe ao certo, mas suspeita-se que ele nunca tinha “feito”. Portanto, ele ainda não é um homem de verdade. Sobre sua virilidade pairam suspeitas que levam os outros rapazes a falarem dele.

No seu livro, *Homem: o sexo frágil?* (1989), o psicólogo Flávio Gikovate brinca com essa noção de que para ser homem não é necessário apenas ter nascido do gênero masculino. A pessoa nascida nesse gênero está sujeito a provar constantemente que é homem de verdade. Gikovate, em tom cômico, relata o alívio expresso pelos parentes quando se sabe que um rapaz finalmente teve sua primeira relação sexual com uma mulher:

Foi bem sucedido! Que alívio! Pode se considerar um homem. Foi aprovado no mais difícil de todos os testes: o de virilidade. Não é homossexual. É uma pessoa “normal”. (Gikovate, 1989, p.116)

Exatamente por não se sentir “normal”, por se incomodar com o falatório a seu respeito, é que João se obriga a ir ao Aterro, o bairro de prostituição da Currais Novos de sua época, a fim de provar que ele era igual aos outros. A atrapalhada estória de sua ida a uma casa de prostituição e seu desajeitado desempenho constituem o cerne do capítulo de *Os Brutos* onde ele aparece.

Mas mesmo depois de já ter tomado a decisão de ir ao Aterro e já se encontrar no quarto da prostituta, João não consegue se livrar do peso que a religião exerce sobre ele. Intimidado diante daquela situação na qual se sente totalmente perdido, o sacristão olha ao redor e repara em uma imagem de Santo Onofre. Conta o narrador:

Os seus olhos rodaram atrás de alguma coisa pelo quarto todo. Era preciso falar em alguma coisa. E os seus olhos foram direto numa imagem que tinha em cima da mesa. A imagem era de madeira e tinha os olhos-de-vidro. Perguntou de quem era a imagem. Ondina disse que era uma imagem de Santo Onofre. O sacristão se lembrou de dizer que santo Onofre era um santo milagroso. Ia dizer. Mas não queria puxar conversa de santo. Não estava ali para conversar sobre

santo e sim para fazer outra coisa muito diferente de conversa de santo, de que já vivia tão cheio. (Gomes, 1988, p.25)

Dois elementos são especialmente significativos nessa passagem do romance para esclarecer a questão religião x sexualidade. A primeira é a presença da imagem de Santo Onofre, um santo que não é muito popular na tradição nordestina. A explicação para a sua presença pode ser encontrada no fato de que, segundo o rito ortodoxo, existe a lenda de que esse santo teria sido originalmente uma moça virtuosa que, para preservar a sua virgindade de um feroz perseguidor, rezou a Deus para que a transformasse num homem, o que lhe foi concedido. E aqui há a ironia de que Santo Onofre virou homem para poder guardar a virgindade enquanto que o sacristão quer perder a virgindade para ser tratado como um “homem de verdade”. Diferentemente da realidade vivida pelo santo, na sociedade em que o sacristão vive é mais fácil e aceitável se manter virgem quando se é mulher. Para o homem, isso seria sinal de algo está errado.

O segundo elemento para o qual gostaríamos de chamar a atenção nessa passagem é a separação que o sacristão faz, consciente ou inconscientemente, entre religião e sexualidade: “Mas não queria puxar conversa de santo. Não estava ali para conversar sobre santo e sim para fazer outra coisa muito diferente de conversa de santo”, ou seja, religiosidade e sexualidade, na cabeça do sacristão, são duas coisas antagônicas e irreconciliáveis. Ou se opta por uma ou outra.

É a partir dessa concepção do sacristão, que na realidade é comum à maioria das pessoas que professam religiões cristãs, que podemos começar a investigá-lo da perspectiva de alguns conceitos apresentados pelo junguiano Eugene Monick. Para começar com uma concepção que seria inaceitável na cabeça do sacristão, Monick afirma ser o falo “o portador da imagem masculina de deus que o macho traz dentro de si.” A idéia que Monick desenvolve é de que para poder viver uma religiosidade mais intensa e verdadeira, o homem não pode negar sua virilidade. Isso seria negar algo inerente a sua própria natureza. Ao seguir uma religião que valoriza a castidade e até mais do que isso, a virgindade, ou seja, a negação de qualquer atividade sexual, o sacristão, então, está negando uma parte importantíssima do seu ser.

Ao negar esse aspecto fundamental do seu ser, o sacristão torna-se necessariamente diferente dos demais rapazes de sua cidade, o que gera nele um

sentimento de inadequação. No entanto, há nele uma necessidade de identificação com aqueles, o que fica demonstrado com sua angustiada ida ao prostíbulo. Esse sentimento de isolamento, na perspectiva de Monick, também tem a ver com a sua não-revelação, sua falta de experiência religiosa envolvendo o falo. Diz Monick a respeito desse sentido meio religioso que envolve a virilidade e que é compartilhado pelos homens:

“O deus é reverenciado na intimidade secreta do macho. Os homens sabem algo do qual não falam abertamente. Eles riem disso juntos, eles implicitamente compreendem uns aos outros, mas não falam abertamente. Um mundo de conhecimento mútuo é partilhado por eles sem nenhum esforço explícito para comunicar o que sabem. Aqui também se chega próximo à qualidade religiosa do falo e às profundezas das quais ele emerge na vida masculina. Os homens não têm meios de falar sobre algo que é ao mesmo tempo conhecido e não conhecido.” (Monick, 1993, p.21).

A última frase de Monick nessa citação remete a um sentido de religiosidade ainda mais profundo, aquele que é inefável. É uma religiosidade compartilhada apenas pelos homens que viveram a experiência da revelação do falo. Assim, essa religiosidade, esse sentimento de pertencimento, não pode ser compartilhada pelo sacristão por ele não ter ainda vivido sua verdadeira experiência religiosa.

Ainda sobre esse sentimento de não pertencimento, podemos comparar nosso personagem com Seu Tota, o milionário solteirão de Currais Novos. Embora não seja de conhecimento na cidade que ele tenha qualquer relação sexual com alguma mulher, no entanto, seu estilo de vida supre essa falta. Segundo Monick, mesmo tendo que escondê-lo por questões de conveniência social, “o homem substitui o falo pondo em seu lugar coisas como: autoridade familiar, superioridade no trabalho, formação de instituições, domínio sobre as mulheres, heroísmo, riqueza, religião, política, intelecto e conformidade social.” (Monick, 1993, p.20). Assim, explica-se por que falam do sacristão pelas costas, mas não falam de Seu Tota. Não há dúvidas de que o seu trabalho e a sua prosperidade financeira funcionam como substitutos, a nível pessoal e aos olhos da sua comunidade, de uma virilidade manifestada exclusivamente através da sexualidade. Assim, explica-se o fato de que, como não há nenhum caso comprovado de envolvimento sexual de Seu Tota com alguma mulher, a própria comunidade se encarregue de criar rumores a esse respeito.

Monick aprofunda ainda mais a relação entre a virilidade e a religiosidade a ponto de afirmar que a tomada de consciência de que “o pênis é o falo *in potentia*” é,

em sua visão “uma experiência religiosa, vista da perspectiva da psicologia” (Monick, 1993:19). Ele ainda afirma: “Uma experiência que também é uma revelação [. . .] afeta permanentemente a vida de uma pessoa. Se não for assim, não é religiosa.” (Monick, 1993, p.19). Nessa perspectiva psicológica, podemos dizer que o sacristão é uma pessoa religiosa que nunca viveu uma verdadeira experiência religiosa. Para o homem não há como crescer espiritualmente se não houver a tomada de consciência do falo. Até que isso aconteça, ele é espiritual e materialmente imaturo.

Monick entende que a profundidade da experiência religiosa está diretamente associada à consciência do falo. Ele afirma que “o potencial para a espiritualidade pode estar presente, mas a profundidade não é experienciada.” (Monick, 1993, p.19). Ou seja, a religiosidade do sacristão não tem um conteúdo interior. Não modificou sua estrutura psicológica.

Há ainda outro ponto que Monick levanta e que podemos usar para entender melhor o sacristão no que se refere a sua iniciação nos rituais da masculinidade. Ele fala da iniciação que algumas sociedades primitivas impõem aos meninos para marcar sua passagem para a vida adulta. Ele cita especificamente o ritual de circuncisão que tribos de Uganda realizavam quando ele era missionário da Igreja Episcopal naquele país. No seu entendimento, nas sociedades ocidentais modernas o jovem não tem um ritual desses pré-estabelecido, o que o deixa sozinho em sua busca de auto-realização e da descoberta da importância do falo. No caso do sacristão, podemos concluir que na Currais Novos dos anos 1930, como também seria comum no resto do país, esse ritual, embora não formalmente reconhecido pela sociedade, era a primeira relação sexual em um bordel no baixo meretrício da cidade. Foi uma busca tardia por esse processo de iniciação que levou o sacristão a ir procurar uma prostituta no Aterro, embora não se sentisse estimulado a isso.

Esse aparente fiasco do sacristão João nos remete a outro aspecto da virilidade abordado por Monick: a autonomia do falo. Essa autonomia acontece quando o falo se manifesta de forma inesperada ou indesejada, provocando às vezes situações inconvenientes. Essa é outra característica que o sacristão não compartilha com os outros homens. Devido a sua religiosidade, seu falo passou a ser governado pelo ego e pelo superego. A força desses se manifesta mais claramente quando o beato vai ao meretrício. Fica evidente nessa ocasião que a sua religiosidade havia sufocado seu falo.

Um último aspecto a ser mencionado em relação a essa questão da sexualidade e religiosidade no ambiente em que vive o Sacristão João refere-se aos homens da cidade que têm uma exacerbada sexualidade. Podemos tomar como exemplo o tio Lívio e o trabalhador Cícero Cacheado, que para Sigismundo, protagonista do romance, eram referências máximas de como lidar com a própria sexualidade, especialmente no trato com as mulheres. Dentro da visão de religião e sexualidade apresentada por Monick, resta-nos perguntar se, por levarem uma vida sexual tão ativa, eram eles pessoas que tinham alcançado um grau maior de religiosidade? Na realidade, não. De acordo com os conceitos junguianos apresentados por Monick, esses homens haviam apenas desenvolvido o falo ctônico, que se caracteriza por uma sexualidade meramente lasciva. Nesse sentido, a sexualidade desses homens se equivalente a de animais que estão no cio.

Ainda dentro dessa discussão sobre o falo ctônico, Monick faz uma discussão interessante sobre a sua importância para pessoas como o nosso sacristão, que têm um componente espiritual muito forte em sua vida. Para esses homens, sentencia Monick, se o equilíbrio entre a figura paterna e materna não for mantido, significa que o filho é deixado a lutar por si mesmo em um ambiente totalmente materno. E ele conclui: *“O perigo para o filho está em sua adoção inconsciente da estrutura da mãe, com sua atitude antagônica (frequentemente inconsciente) em relação a João de Ferro [uma sexualidade mais ctônica]. Ou o filho se aproxima da feminilização, ou se torna prematuramente solar em seus objetivos de vida, adaptando-se a um tipo de masculinidade destituída de sexualidade - ou ambos. Sua espiritualidade se torna racional e técnica, sem o hálito ardente do falo ctônico, meio presente, racional e sem inspiração.”* (Monick, 1993, p.126)

Como essa citação sugere, o caminho para um entendimento mais completo desse personagem de José Bezerra Gomes seria, portanto, uma análise do seu ambiente familiar e, principalmente, de sua relação com seus genitores. No entanto, como salientamos no início deste trabalho, a passagem do sacristão João em *Os Brutos* é muito efêmera, sendo que o narrador não nos fornece informação suficiente para um maior entendimento dele e de seu dilema. Apesar disso, a análise que procedemos mostra que ele é uma personagem de grande importância na estrutura narrativa do romance quando este é considerado como uma crítica à sociedade cujos valores dominantes de virilidade se tornam opressivos para aqueles que não se adequam a eles.

## **Referências Bibliográficas:**

GIKOVATE, Flávio. *Homem: O Sexo Frágil?* São Paulo: MG Editores Associados, 1989.

GOMES, José Bezerra. *Obras reunidas: romances*. Natal: EDUFRN, Editora da UFRN, 1988.

MONICK, Eugene. *Falo - a sagrada imagem do masculino*. Tradução de Jane Maria Corrêa. São Paulo: Edições Paulinas, 1993.

---

<sup>i</sup> Hélio Dias FURTADO, Professor Doutor

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

hdfurt@ufrnet.br